

A
VIRGEM
NA
ARTE FRANCESA

TEXTO DE
ANDRÉ COYNÉ

UNIVERSIDADE DO CEARÁ

EM COLABORAÇÃO COM A ASSOCIAÇÃO CULTURAL FRANCO-BRASILEIRA



A arte cristã do Ocidente, só muito tarde, aparece como uma arte verdadeiramente autônoma na história do Cristianismo: no século XII, esta arte — românica, depois gótica — encontra sua mais perfeita expressão na França, de onde se irradia para os países vizinhos. A literatura acompanha as artes plásticas; é a época em que um público numeroso gosta de ouvir recitar os *Milagres de Nossa Senhora*, a Virgem à qual os góticos vão consagrar os monumentos por excelência da Idade Média — as Catedrais. Sob um duplo impulso: místico (de que São Bernardo nos daria o exemplo) e popular; a religião do Cristo não se distingue da religião de sua Mãe — Senhora da Virtude, Senhora da Pureza, mas também, Senhora da Piedade, Senhora da Ternura. A arte não nos engana — desde então dá a Maria, Criatura quase divinizada por sua maternidade, um lugar especial, que ela não perderá mais, na iconografia sagrada, até os nossos dias.

E parece que, desde o começo também, a Virgem respondeu com uma solicitude particular a esta atenção dos artistas, se observarmos quantas vezes, nos milagres que lhe são atribuídos, ela favorece jograis, se necessário, a despeito da moral, e mesmo, das autoridades da Igreja. Mergulhai no *Tombeur de Notre Dame* na história deste pobre truão que, enfatiado de uma vida errante, se retira ao mosteiro de Clairvaux, desesperado por não saber fazer nada. E um dia em que êle se ajoelha, humilde, diante da Virgem, é bruscamente iluminado pelo pensamento de oferecer a esta, a única cousa que sabe fazer: dar saltos mortais, cambalhotas, dançar — e ei-lo que se põe diante do altar, saltando, caminhando com as mãos no chão e os pés para cima, sôbre as mãos, fazendo piruêtas, até cair exausto nos degraus: “Dulcíssima Rainha, implora êle, não menosprezeis o meu officio...” Um monge mais sério, que o surpreende no fim de alguns dias, nestes exercícios, o denuncia ao Abade e êste, desde o dia seguinte vem observar nosso jogral em companhia do denunciador; mas qual não é a surpresa dos dois homens, quando o pobre artista cai, completamente desfalecido, no chão da capela, e a Virgem deixa o nicho em que se encontra, aproxima-se com um cortejo de anjos e de luz, para enxugar com uma toalha branca e fina, o rosto do seu menestrel, depois abaná-lo, refrescá-lo.

É ainda a dois jograis que a Virgem oferece um círio, aceso no fogo celeste, para que com o mesmo curassem todos os atacados do

“mal des ardents”, essa doença terrível que aterrorizava, então, a cidade de Arras. E no santuário de Nossa Senhora de Rocamadour, contava-se que, por duas vezes um cirio do altar da padroeira celeste descera dali para ficar sobre a sanfona do jogral Pierre de Siglar enquanto ele tocava. De Villon a Péguy os poetas imitaram o gesto dos jograis, consagrando a Nossa Senhora ritmos e rimas, que são sua maneira de orar.

O que vos apresentamos hoje é outra forma de oração, inscrita na pedra, sobre um painel de madeira ou sobre a tela — a oração feito imagem, no solo da França, desde os afrescos e esculturas romanas do século XII, até o mais recente testemunho, “la Vierge d’Alsace” de Bourdelle, no nosso século.

As fotografias vêm agrupadas, não por épocas, mas por “assuntos”. Têm todas elas um único e grandioso assunto: a Virgem. Entretanto, na história humana de Maria, como na sua apoteose celeste, alguns temas inspiraram mais particularmente os artistas, e é a eles que nos referimos. Seria sem dúvida do mais alto interesse, para melhor compreender, quero dizer, para melhor captar o que a expressão estética acrescenta a emoção humana, e vice-versa, apreender, de qualquer forma, ao vivo, o amálgama de elementos que toda obra de arte exprime, seria do mais alto interesse, para destacar ao mesmo tempo a carga religiosa e a irreduzibilidade particular do fenômeno artístico, comparar a “maneira” com que os mais diversos artistas, distanciados no tempo, tratam um mesmo tema — a Virgem Mãe, a Virgem Dolorosa ou a Virgem Gloriosa. Basta observar, próximas uma da outra, aquela estátua românica em que a Mãe e a Criança estão como que coladas nas dobras de seus vestidos e aquela “Maternidade” do século XVIII, em que o mármore sublinha a exuberância camponesa dos corpos, quase excessiva.

Não tenho a pretensão de vos dizer o que cada uma das estampas aqui reunidas poderão inspirar-vos por si mesmas. Para cada uma, seria preciso talvez tentar esta “visão de aproximação” que nos sugere a tríplice reprodução da “Coroação da Virgem” de Charonton, que se encontra no Hospital de Villeneuve les Avignon; veja-se, em primeiro lugar, o conjunto do quadro, de composição simbólica e erudita que apresenta, ordenadamente, em torno do tema principal, as três Igrejas, padecente, militante, e triunfante, a Igreja do Purgatório, a Igreja da Terra e a Igreja do Céu; depois, despreendendo-se da corte celeste, é a Trindade Divina, o Espírito Santo com as asas abertas, e o Pai e o Filho, cada um sobre uma nuvem, quase idênticos um ao outro, da mesma idade, pelo menos ao que parece, a ponto de não sabermos quem é o Pai e quem é o Filho, porquanto a solicitude pela Rainha das Criaturas que eles estão coroando, deixa impressa em seus gestos a mesma majestade prudente e em seus semblantes as mesmas linhas graves, a mesma inclinação; e finalmente a Virgem, completamente só, mãos e rosto, as mãos tão enigmáticas quanto o rosto, sob o peso da coroa de pedrarias, a mulher, ou antes, o sonho da mulher, próxima e inacessível no mistério de uma graça simultaneamente casta e excitante, que ela não desejou e que a predestina.

Creio que ninguém permanecerá insensível a estas obras-primas anônimas que nos deixou a Idade Média, como "l'Annunciation" des "Heures de Rohan" ou a grande "Pietà", d'Avignon.

Quanto ao mais, não tendes necessidade de mim para observar, como artistas mais modernos e cuja inspiração apenas por acaso, é religiosa, quando escolhem temas religiosos, continuam a ser, inicialmente, êles próprios e confirmam o que eu dizia há pouco. Em "La Déposition du Christ", de Delacroix, e mais ainda "Le Repos de la Sainte Famille", de Fragonard antes de identificar o tema, nós os reconhecemos como quadros de Delacroix, de Fragonard. "L'Éducation de la Vierge" de George de La Tour extrai da iluminação e da expressão das personagens o poder de emoção que ela nos comunica, mas se esta emoção se revela verdadeiramente de essência religiosa, é por meio do estilo próprio do artista, quase em contradição com os meios ordinários que o grande público poderia esperar. Quanto à Virgem renascentista de Fouquet, sobretudo se isolada do conjunto do quadro em que se encontra, não nos comove apenas na parte exclusivamente religiosa de nossa alma. Em compensação, as duas figuras de "La Visitation", tiradas de um Calvário bretão, cujo autor talvez não se julgava senão um simples entalhador — estas duas figuras, de um realismo de certo modo ingênuo, artesanal, encontram como que instintivamente, a nobreza de atitude e de gesto das esculturas mais perfeitas. Mesmo alguma alteração na matéria de que são feitas, não nos comove, nem nos desorienta. Num plano oposto a êste, o grupo tardio da "Adoration des Mages" da Catedral de Chartres desenvolve todos os floreios de uma arte pagã, para nos convencer de um mistério cristão que resulta disto mais paradoxal.

Em certo sentido, a expressão "arte religiosa" é equívoca, se ela pretende ligar a imaginação do artista às fórmulas abstratas do teólogo. Poderíamos falar, num conceito mais justo, de arte sacra e de um denominador comum, poético ou melhor, lírico, que reúne as obras diversa tanto por lugar e época como pela inspiração. Inicialmente falei na prece, feita com linhas ou em côr. Há algo mais que isso, sem o que não nos diria nada, nenhuma arte que se inspirasse em mitologias, nas quais, intelectualmente, não acreditamos. Ora, tôda obra de arte requer, primeiramente, daquele a quem ela se dirige, um ato de adesão, que seu conteúdo intelectual, se existe, e até mesmo sentimental, não pressupõe nem impõe. Se bem que elas tenham admitido quase sempre um cortejo de figuras ou formas, as grandes religiões não implicavam forçosamente em suas essência, esta proliferação artística em tôrno do dogma; a prece mais agradável a Deus não sairia ao contrário de dentro das paredes de uma cela que não tivesse nenhuma imagem a alegrá-la? É que, mesmo no caso do artista essencialmente religioso, como Frei Angélico que não começava a pintar senão depois de ajoelhar-se e concentrar-se, a decisão de pintar, de esculpir, não pertence ao domínio exclusivo da experiência religiosa, pois o artista, por mais que êle se refira a um modêlo, no momento religioso, obedece a exigências de uma ordem particular, que não dependem nem da ética, nem da religião.

Arrisquei a palavra "lirismo" para ensinar esta outra cousa pela qual a arte nos seduz, nos encanta — e é conveniente dar aos dois verbos "seduzir", "encantar", seu sentido pleno, que êles perderam na linguagem cotidiana. Lirismo! Encantamento! Eis por que, me parece propício que o catálogo da exposição *A Virgem na Arte Francesa* contenha dois ou três títulos que deixem a porta aberta à imaginação, — que toquem em nós as cordas do sonho, da poesia sem nenhuma determinação e sem nos afastar do tema central: a Virgem.

Penso por exemplo no "Buisson Ardent" de Nicolas Froment, onde, no meio das chamuscas que são fôlhas ou das fôlhas que se abrasam, não deixareis de ficar intrigados pelo disco sustentado pela Criança, espelho ou retrato, que sei eu? Penso, ainda mais, na extraordinária *Sibylle de Tibure* do extraordinário Antoine Caron, por muito tempo esquecido ou desdenhado pelos historiadores clássicos da arte e cuja reabilitação, André Breton acaba de consagrar, incluindo-o em lugar de destaque no seu álbum sobre "Art Magique"; não analisarei êste quadro, no qual, cada elemento, desde a hóstia em forma de sol (ou o sol em forma de hóstia) que cobre a enigmática figura de mulher à direita até os capacetes felpudos dos guerreiros da esquerda e os emblemas da decoração — poderiam conduzir-nos sobre a via interpretativa, muito mais longe do que desejaríamos.

Que a arte seja um "depaysement", uma aventura no mais longínquo de nossa alma, eu me contentarei, como prova, a um exemplo mais ortodoxo — um duplo exemplo de imagens de pedra, destas que os imaginários, ao esculpírem, não se preocupavam que as vissem e que a difusão da fotografia nos tem senão revelado, pelo menos habituado a olhar; uma delas a "Nativité" gótica da Catedral de Chartres, outra "La Fuite en Egypte" românica da Catedral d'Autun; evidentemente, a beleza tranqüila da primeira, de uma pureza helênica ao mesmo tempo que de uma humanidade profundamente cristã, enche nosso coração de ternura, como satisfaz nosso espírito pela harmonia de suas linhas e a perfeição de seu estilo. É certo também, pelo menos para mim, que a estranheza da segunda — os trilhos que figuram o caminho, o saiote de hoplita de São José, as frutas exóticas do cenário, o burro intencionalmente longo, a criança intencionalmente rígida, as coroas solares da Virgem e de seu filho, esta outra fruta onde suas mãos se encontram e que é talvez a esfera do universo de que o Deus recém-nascido se apropria — e é certo, digo, que tudo isto nos detém mais tempo, e nos inquieta e nos perturba, terminando por responder de maneira mais radical à nossa expectativa.

Já me faço escutar demais; deixo-vos agora contemplar imagens das quais temeria tirar o encanto se as comentasse mais detidamente.

Permiti-me uma última referência a êste outro fragmento da Catedral de Autun, que temos aqui, "Le Sommeil des Rois Mages": no seu grande leito de pedra também, que tem a forma de um ataúde para nos lembrar que o sono é a repetição cotidiana da morte, Melchior, Gaspar e Baltazar estão deitados, quase uns sobre outros, e incômodos se o julgamos pela colcha que os aperta como uma grande concha, ou melhor como um casco; êles conservaram a coroa na cabeça a fim de

que não nos enganemos sobre sua identidade e a estrêla que êles seguiram até o presépio floresce acima do travesseiro quadriculado, onde suas faces e suas barbas se roçam. Êles dormem; ou melhor, dois dentre êles de pálpebras fechadas, nos parecem mergulhados num profundo sono, enquanto que o terceiro abre os olhos, pois um anjo-profeta lhe tocou a mão para adverti-lo, e ei-lo, muito espantado, a fixar um universo noturno, mais luminoso que o universo do pleno dia, ao qual, entretanto, êle não está habituado e no qual os anjos são visíveis e o pensamento do homem lê o futuro, decifra os sinais que de ordinário ela não percebe mesmo, pois se o sono é como que um símbolo da morte, o sonho é uma "segunda vida" mais vida que a vida — à qual, em estado de vigília, sômente a arte tem o poder de nos introduzir. Por isso, no momento de deixar-vos ao encantamento das imagens, gostaria de vos convidar a sentir também, o dedo do anjo, que desperte vossos sentidos do sono dos atos e dos gestos maquinais e lhes descubra um mundo no qual existe outra cousa, além das trevas da realidade.

André Coyné





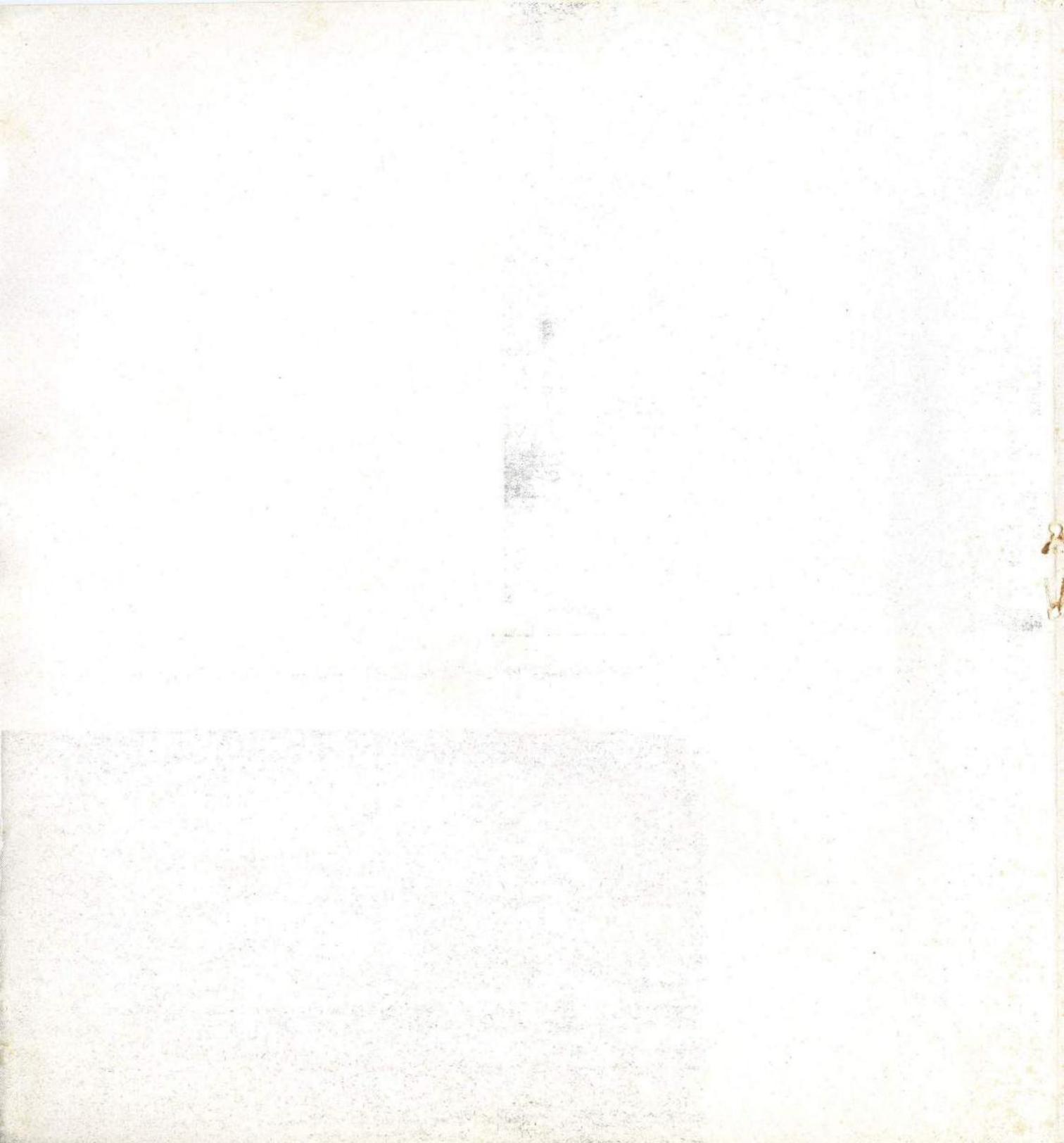
E. CHARONTON: "Le Couronnement de la Vierge"



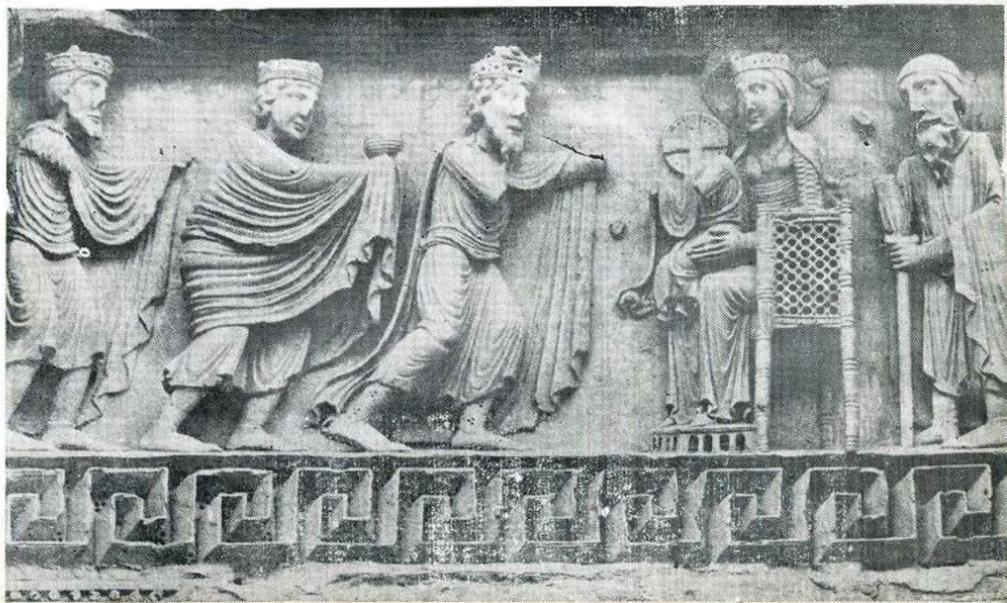


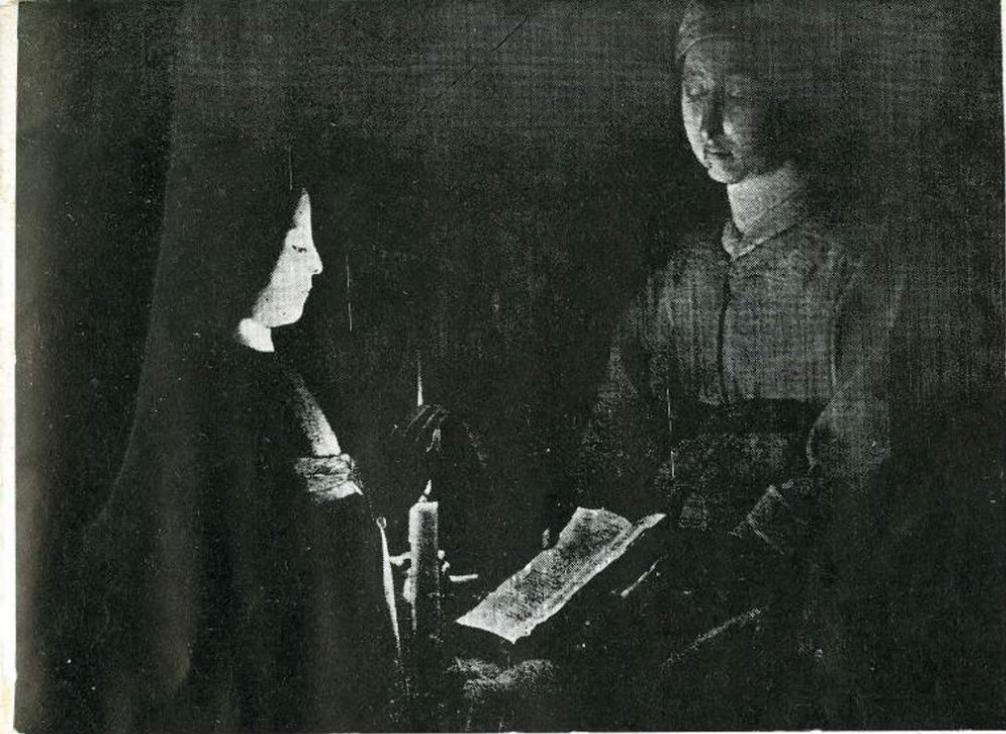


"LA FUITE EN EGYPTE" cathédrale d'Autun XII^e Siècle



“L'ADORATION DES MAGES” Eglise de la Charité sur Loire
XIII^e Siècle





G. de la TOUR: "L'Education de la Vierge"



PEINTURE

- 1 Fresque: "La Vierge et les Apôtres", début XIII^e siècle
(*Abbaye de Lavandieu — Haute-Loire*)
- 2 Fresque: "La fuite en Egypte"
(*Eglise Auvers le Hamon — Sarthe*)
- 3 Nativité: Légende dorée de Jacques de Voragine
(*Ecole française XV^e siècle*)
- 4 Bain de l'Enfant Jésus: Légende dorée de Jacques de Voragine
(*Ecole française XV^e siècle*)
- 5 Sainte Famille: Légende dorée de Jacques de Voragine
(*Ecole française XV^e siècle*)
- 6 Annonciation: Les heures de Rohan
(*XV^e siècle*)
- 7 "Couronnement de la Vierge"
(*Musée de Lyon — XV^e siècle*)
- 8 Jean FOUQUET: "La Vierge"

- 9 "Pieta" attribuée à J. FOUQUET
(Eglise de Nouans)
- 10 Détail de la "Pieta": "La Vierge"
- 11 FOUQUET: "La descente de Croix"
(Triptique — Loches —)
- 12 Le Maître de Moulins: "La Vierge glorieuse"
(Cathédrale de Moulins — Ecole française fin XV^e siècle)
- 13 Le Maître de Moulins — détail: "La Vierge et l'enfant"
- 14 Le Maître de Moulins — "Nativité".
- 15 Le Maître de Moulins: "La Vierge et l'Enfant adorés par les Anges".
(Bruxelles — Musées royaux des Beaux-Arts — Ecole française fin XV^e siècle)
- 16 Le Maître de Moulins: "Détail de la Nativité d'Autun"
(XV^e siècle)
- 17 Nicolas FROMENT: "Le Buisson Ardent".
- 18 "L'Annonciation" panneau central
(Maître de l'Annonciation d'Aix — France XV^e)
- 19 Ateliers d'Ile de France: "La Mise au Tombeau"
(Détail du centre — Eglise de Marly le Roi)
- 20 Ateliers d'Amiens: "Le Sacerdoce de la Vierge"
(Louvre — Première moitié du XV^e siècle)

- 21 Ateliers Bourguignons: "Vierge de Pitié"
(Eglise de Cormatin — Saône & Loire)
- 22 Ateliers Bourguignons: Volet: "Présentation de la Vierge
au Temple"
(Eglise Auxey — Côte d'Or — milieu du XVI^e siècle)
- 23 Ateliers Bourguignons: "L'Annonciation"
(Eglise de Coulanges -la-Vineuse — Yonne)
- 24 Louis BREA: "La Vierge de Pitié" — St-Martin et Ste Ca-
therine
(Eglise de Gimiez — Nice)
- 25 Louis BREA: "Vierge de Miséricorde"
- 26 Ateliers du Maître de St-Gilles: "Ste-Anne, la Vierge et
l'Enfant". "St-Joseph et Joachim".
(Eglise St-Jean — Joigny)
- 27 "Pieta" d'Avignon.
- 28 E. CHARONTON: "La Vierge de Miséricorde"
(Musée Condé: Chantilly)
- 29 E. CHARONTON: "Le Couronnement de la Vierge" —
partie centrale
(Hospice de Villeneuve-les-Avignon)
- 30 E. CHARONTON: "Le Couronnement de la Vierge"
(Hospice de Villeneuve-les-Avignon)

- 31 E. CHARONTON: "Le Couronnement de la Vierge" —
détail: La Vierge
(Hospice de Villeneuve-les-Avignon)
- 32 GRUNEWALD: "La Vierge et l'Enfant".
- 33 Antoine CARON: "La Sybille de Tibur".
- 34 Ph. de CHAMPAIGNE: "La Fuite en Egypte"
(Senlis)
- 35 G. de la TOUR: "L'Education de la Vierge"
- 36 G. de la TOUR: "L'Adoration des Bergers".
- 37 VELASQUEZ: "L'adoration des rois mages" — (1619) —
détail —
- 38 LE NAIN: "Naissance de la Vierge" — détail —
- 39 LE NAIN: "Naissance de la Vierge".
- 40 LE NAIN: "La naissance de la Vierge" — détail à droite —
(Eglise St-Etienne du Mont — Paris)
- 41 LE NAIN: "La Vierge au verre de vin"
(Musée de Rennes)
- 42 GRECO: "Les fiancailles de la Vierge"
(1613-1674)
- 43 GRECO: "L'Assomption"
(vers 1609 — 1614 — Tolède)

- 44 Ch. LEBRUN : "L'Adoration des Bergers" — détail partie centrale —
(*Louvre*)
- 45 Antoine RIVALZ: "L'Annonciation"
(*Musée des Augustins — Toulouse*)
- 46 Guy FRANÇOIS: "La Purification"
(*Musée des Augustins — Toulouse*)
- 47 Jean RESTOUT: "La Purification de la Vierge ou le cantique de Saint Siméon"
(*Paris — Eglise St-Roch*)
- 48 Jean-Baptiste PIERRE: "La Fuite en Egypte ou l'Adoration des Bergers"
(*Paris — Eglise St-Sulpice*)
- 49 J. H. FRAGONARD: "Le Repos de la Sainte Famille"
(*Paris — Collection particulière*)
- 50 PROUDHON: "Vierge"
(*Dijon*)
- 51 INGRES: "Vierge à l'hostie"
(*Louvre*)
- 52 E. DELACROIX: "L'Education de la Vierge" (1842)
- 53 E. DELACROIX: "La Déposition du Christ"
(*Paris — Eglise St-Denis du Sacrement*)

SCULPTURE

- 54 Ateliers d'Auvergne — XII^e siècle — "La Vierge et L'enfant"
- 55 "Vierge Romaine"
(Musée du Louvre)
- 56 "Virge en gloire" — Chasse de Saint-Viance — détail —
(Eglise de Saint Viance)
- 57 "Pamoison de la Vierge"
(Eglise Notre-Dame — Louviers — Eure)
- 58 "La Vierge de l'Assomption entre deux anges musiciens"
(Eglise St Ayoul — Provins — S & M)
- 59 "La Vierge et l'Enfant"
(Eglise du Lucet — Ile de France — XV^e)
- 60 "La Vierge de Fleury"
(St-Benoit sur Loire)
- 61 "Vierge à l'enfant"
(Eglise Notre Dame du Marthuret)
- 62 "Vierge de Notre-Dame de Grâce"
(Toulouse — XV^e siècle)
- 63 "Vierge à l'Enfant"
(Fresnoy-le-Luat — XV^e siècle)
- 64 "Les Saintes Femmes"
(Eglise de Salers — XV^e siècle)

- 65 "La Fuite en Egypte"
(Cathédrale d'Autun — XII^o siècle)
- 66 "Le Sommeil des Mages"
(Cathédrale d'Autun — XII^o siècle)
- 67 "La présentation au Temple"
(Notre Dame de Paris — XIII^o siècle)
- 68 "L'Annonce aux Bergers"
(Cathédrale de Chartres — XII^o siècle)
- 69 "Nativité"
(Cathédrale de Chartres — fragment de l'ancien jubé).
- 69-bis "La Mort de la Vierge"
(Cathédrale de Chartres — Portail nord).
- 70 "La Fuite en Egypte"
(Notre Dame de Paris — XIII^o siècle)
- 71 "L'Adoration des Mages"
(Eglise de la Charité sur Loire — XII^o siècle)
- 72 "Le Massacre des Innocents"
(Notre-Dame de Paris — XIII^o siècle)
- 73 "Vierge de Calvaire" — Statue en bois —
(Eglise de Bulles — Oise — Art de l'Île de France fin du
XV^o siècle)
- 74 Jean GOUJON: "La déposition de Croix" —
(partie centrale sculptée en 1541 pour le jubé de St-Ger-
main l'Auxerrois)

- 75 Germain PILON: "La Mise au tombeau" —
(*bas relief en bronze provenant du jubé de St-Germain
l'Auxerrois*)
- 76 Germain PILON: "La Vierge de Douleur"
(*Louvre*)
- 77 Jacopo della QUERCIA: "La Vierge assise portant
l'Enfant" — groupe bois —
(*Louvre*)
- 78 Jean BULLANT: "Ste-Anne et la Vierge —
(*statue marbre — Eglise de Brionçonnnet — France XVI^e
siècle*)
- 79 Michel COLOMBE: "La Vierge et l'Enfant", provenant
d'Olivet
(*Musée du Louvre — Ecole française du XVI^e siècle*)
- 80 Tilman RIEMENSCHNEIDER "Le Christ parmi les
docteurs"
(*début du XVI^e siècle*)
- 81 "L'Adoration des Mages"
(*Cathédrale de Chartres — XVI^e siècle*)
- 82 "La Visitation"
(*Calvaire breton*)
- 83 "La Vierge et l'Enfant" — marbre — France fin XVIII^e
siècle
(*Eglise de Crisenoy — S & O*)
- 84 BOURDELLE: "La Vierge d'Alsace".



